

## **VAMOS BRINCAR? O BAÚ ARCO-ÍRIS E SUAS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Andréa Juliana Costa<sup>1</sup>; Vinícius da Silva Lírio<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) / Faculdade de Educação andreaajcosta@ufmg.br*

### **Introdução**

As brincadeiras na Educação Infantil são uma das possibilidades em que as crianças gostam de participar e vivenciar coletivamente. Assim, menino e menina podem brincar de esconde-esconde, bolinha de gude, futebol, boneca e de outras brincadeiras que quiserem e sentirem vontade de experimentar.

Além disso, as brincadeiras infantis desde o início da primeira etapa da Educação Básica possibilitam às crianças diferentes maneiras de expressões e desenvolvimentos. Assim, Kishimoto (2010, p.1) aponta que

para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar.

Pode-se considerar então, que as brincadeiras na Educação Infantil são fundamentais e buscam promover a aquisição de conhecimentos, habilidades, atitudes e promovem a socialização das crianças.

Porém, em diversos momentos é possível perceber algumas práticas educativas que ainda classificam e direcionam as brincadeiras que são para “meninos” e “meninas”, tendo como exemplos as escolhas estéticas (utilização das cores), brincadeiras que utilizam a força física, dentre outras.

Dessa maneira, a instituição de Educação Infantil, em alguns momentos, tende a estabelecer algumas “marcas” e interpretações sobre o gênero e a sexualidade das crianças, principalmente nas brincadeiras que são desenvolvidas. Além disso, o ambiente escolar, de

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência da Universidade Federal de Minas Gerais (PROMESTRE/UFMG). Servidora Pública Municipal em Contagem/MG.

<sup>2</sup> Orientador da pesquisa.

maneira sutil, muitas vezes reforça o binarismo masculino/feminino, pois, como acrescenta LOURO (2017, p. 67)

[...] nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural”. Afinal, é “natural” que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que “naturalmente” a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? [...]

Conforme descrito anteriormente, é possível perceber que através dos silenciamentos e algumas práticas educativas sutis, a instituição escolar, por diversos momentos, tende a legitimar e/ou desqualificar as expressões das relações de gênero, podendo ocorrer algumas exclusões; ao invés de ações que busquem valorizar e respeitar as crianças em suas identidades e individualidades.

Portanto, diversos autores abordam o conceito de gênero, que em diferentes sociedades e momentos da história tem passado por alterações. Para MEYER (2003, p.18)

O conceito de gênero implica a ideia de que as intervenções devem tomar como referência as relações de poder entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como “sujeitos de gênero”. É primordial analisar as práticas sociais e culturais que educam indivíduos como mulheres e homens de determinados tipos, para que se tenha possibilidades de intervenções que permitam modificar as relações de poder de gênero vigentes na sociedade”.

Também, a autora BUTLER (2012, p. 216) corrobora com a temática sobre gênero e aponta que

para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade.

Dessa forma, acaba-se tendo a heteronormatividade como um padrão a ser seguido, que tende a regular quais as identidades de gênero são permitidas.

O estudo encontra-se em processo de desenvolvimento, tendo iniciado a pesquisa de campo no mês de setembro de 2017. Tal pesquisa é realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) localizado no município de Contagem (MG), tendo a participação de uma professora e dezoito crianças com quatro anos de idade no período vespertino.

Dentre os objetivos que permeiam esse estudo apresenta-se a construção de um Baú

Arco-Íris - material pedagógico que visa auxiliar a prática educativa, possibilitando experiências através das brincadeiras direcionadas ao reconhecimento, à valorização e manifestação das identidades das crianças; atentando-se para a desconstrução de padrões heteronormativos.

Nesse processo da pesquisa de campo já foi possível observar, através de expressões como a fala e os movimentos dos corpos destas crianças, o desejo e o interesse pelos momentos das brincadeiras propostas pela professora dentro e fora da sala de aula.

Percebe-se também, que as brincadeiras ocupam um lugar de destaque nas conversas das crianças dessa turma, indo ao encontro de que “a brincadeira é, para a criança, um dos principais meios de expressão que possibilita a investigação e aprendizagem sobre as pessoas e o mundo” (BRASIL, 2012). Diante disso, é possível perceber a importância das brincadeiras no universo dessas crianças, conforme as análises das observações de campo que já têm sido realizadas, desde o início da pesquisa no CEMEI.

Ao se falar das identidades das crianças, é importante considerar que tal conceito ainda encontra-se em discussão. No livro intitulado “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, autores como WOODWARD, SILVA e HALL apontam que as identidades não podem ser separadas e também não são fixas. Sendo assim, considera-se que os sujeitos podem ser afetados e/ou atravessados por diferentes identidades ao longo da vida, pois faz parte de um processo inacabado.

Além disso, LOURO (2017, p. 32) acrescenta que

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Portanto, o material pedagógico em processo de construção para auxiliar na mediação docente-crianças de quatro anos de idade em uma turma do CEMEI é atravessado pela temática das relações de gênero que busca valorizar as identidades desses sujeitos.

## **Metodologia**

O estudo em desenvolvimento no Centro Municipal de Educação Infantil na Rede Municipal de Contagem/Minas Gerais é constituído por uma pesquisa qualitativa, com abordagem etnográfica e fenomenológica, através das observações feitas pela pesquisadora,

tendo como foco as mediações realizadas pela docente nas brincadeiras desenvolvidas com as crianças de quatro anos de idade.

O produto<sup>3</sup> educacional a ser disponibilizado para a equipe de profissionais do CEMEI surgiu da própria prática da pesquisadora em uma das instituições onde trabalha, pois foi disponibilizado à equipe de profissionais um baú contendo peças de encaixe para ser utilizado em suas aulas. Uma das coisas que chamou a atenção das crianças foi o próprio objeto – baú - as crianças ficaram curiosas.

Assim, surgiu a ideia da construção do Baú Arco-Íris para os/as profissionais da instituição em que é realizada a pesquisa de campo.

A construção do Baú Arco-Íris encontra-se em aberto, pois é necessário desenvolver, aplicar alguns protótipos<sup>4</sup> e realizar os ajustes necessários, para então disponibilizar o objeto à instituição onde a pesquisa tem sido desenvolvida.

O baú contendo diversas materialidades para o desenvolvimento de brincadeiras, voltadas para a valorização das identidades das crianças, possui as seguintes dimensões: 52cmx34cmx38cm. É feito com um material leve (polipropileno), de fácil manuseio, armazenamento e transporte. As materialidades também poderão ser reproduzidas pela equipe do CEMEI, pois consistirá em baixo custo para a mesma.

Dentro do Baú Arco-Íris há fichas descritivas, contendo as regras de algumas brincadeiras, além das materialidades para a sua realização que serão armazenadas dentro dele. Tais brincadeiras baseiam-se no cotidiano das crianças, como futebol aéreo, serpente, cabo de guerra, jogo da memória, dentre outras. As fichas descritivas também terão um formato padronizado nas dimensões 14cmx21cm e as impressões serão realizadas no papel “satin<sup>5</sup>”. Busca-se criar um layout atraente, legível e contendo as instruções das brincadeiras de maneira objetiva e de fácil entendimento, para que a equipe de profissionais da instituição de Educação Infantil possa utilizá-las em suas aulas.

Além disso, haverá um espaço destinado para o registro de possíveis adaptações das brincadeiras e outras possibilidades de mediação adulto-crianças com ênfase na temática das relações de gênero na Educação Infantil.

---

<sup>3</sup> Conforme a portaria 80/98 da CAPES, um dos itens que diferenciam um mestrado acadêmico de um mestrado profissional é o trabalho de conclusão de curso. No mestrado profissional além da dissertação, é necessário a elaboração de um produto educacional com aplicabilidade no sistema de educação e sua relação com a pesquisa aplicada.

<sup>4</sup> Possibilidades de execução do produto construído, feito para teste e aperfeiçoamento.

<sup>5</sup> Papel satin; papel fotográfico microporoso e resistente a água.

Sendo assim, as fichas descritivas serão constituídas de sugestões de brincadeiras baseadas nas observações da prática educativa da professora da turma - sujeito da pesquisa- e das bibliografias levantadas sobre a temática das relações de gênero na Educação Infantil.

Visando a autonomia da equipe do CEMEI, não haverá uma sequência de fichas a ser seguida e o tempo da brincadeira poderá variar, dependendo do interesse das crianças. Assim, no primeiro momento, o/a docente apresentará a brincadeira para as crianças, baseando-se nas fichas descritivas. Ao final da brincadeira propõe-se que as crianças, juntamente com o/a professor/a, realizem uma roda de conversa para expor como foi a experiência em participar daquela brincadeira. Também, o/a docente poderá lançar questões que envolvam a temática sobre as relações de gênero e valorização das identidades, baseando-se na brincadeira ocorrida.

Vale lembrar que a intenção da construção desse produto educacional não é o de moldar o trabalho já desenvolvido pela equipe da instituição de Educação Infantil. Com o Baú Arco-Íris pretende-se promover mediações entre adulto-crianças, baseando-se em reflexões sobre a temática das relações de gênero, identidades e singularidades das crianças, através das brincadeiras.

### **Resultados e discussão (análises iniciais)**

A construção do Baú Arco-Íris com algumas propostas e sugestões de brincadeiras e possibilidades de realizar reflexões e apontamentos entre docente-crianças caminha no sentido de romper com alguns discursos normatizadores que norteiam o ambiente escolar, principalmente na Educação Infantil, considerada como a primeira etapa da Educação Básica.

De acordo com FURLANI (2011, p. 121)

Uma educação igualitária entre meninos e meninas começa pela não segregação na definição “do que” ensinar e “como” ensinar. Tanto as informações compartilhadas quanto os meios para tal devem ser igualmente proporcionadas às crianças. Neste sentido, a classificação entre “brinquedos de menina” e “brinquedos de menino” estaria impedindo o acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento das habilidades que o brinquedo proporciona e desenvolve.

Vale ressaltar que algumas brincadeiras propostas dentro do baú, possibilitam questionamentos e ressignificações acerca de diversos atributos de gênero que ainda encontram-se naturalizados, tanto nos discursos e nas ações de crianças e dos adultos. Almeja-se assim, que as crianças possam experimentar e conhecer diferentes papéis sociais, sem determinar posições e comportamentos em função do seu gênero.

## Conclusões

A partir das observações de campo iniciadas no mês de setembro e algumas análises já realizadas é possível apontar que no CEMEI ainda há algumas práticas pedagógicas que se apresentam sutilmente, pautadas nas demarcações de gênero.

Dessa maneira, a proposta da construção do Baú Arco-Íris pode ser uma das possibilidades de instrumentos a ser utilizados pela equipe de profissionais, buscando ampliar as discussões juntamente com as crianças através das brincadeiras que possam considerar a multiplicidade das identidades dos sujeitos e dos arranjos de gênero, que não se limitam ao binarismo feminino/masculino, além de proporcionar experiências que envolvem a valorização das identidades e singularidades das crianças. Também, com a construção desse material pedagógico, não há a pretensão de concluir e/ou encerrar as discussões acerca da temática das relações de gênero.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Brincadeiras e interações nas diretrizes curriculares para a educação infantil: manual de orientação pedagógica: módulo 1*. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAPES. Portaria80/98. Disponível em:  
[http://www.ufrgs.br/propg/regulam/anexos/port80\\_98.htm](http://www.ufrgs.br/propg/regulam/anexos/port80_98.htm)

FURLANI, Jimena. *Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte, Autêntica, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 4ª reimpressão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. *Gênero e Educação: teoria e política*. In: Louro, G.L., Neckel, J.F., Goellner, S.V., organizadores. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.